

**CATOLICISMO E PROTESTANTISMO:  
O FEMINISMO COMO UMA QUESTÃO EMERGENTE\***

**FABÍOLA ROHDEN\*\***

**Resumo**

Este trabalho trata da emergência da questão feminista no campo religioso, o que passa a ocorrer em um contexto de transformações recentes e que tem como uma de suas expressões mais marcantes o trabalho de teólogas católicas e protestantes que se agrupam em torno das influências da Teologia da Libertação e de preocupações com o questionamento do lugar da mulher na tradição cristã e nas igrejas. Sua produção teológica aponta para a singularidade da relação entre feminismo e religião além de diferenciações entre as estratégias de atuação de católicas e protestantes.

**Palavras-Chave:** Feminismo, Religião, Teologia, Catolicismo, Protestantismo

---

\* Este trabalho tem origem em minha dissertação de mestrado - Feminismo do sagrado: o dilema "igualdade/diferença" na perspectiva de teólogas católicas -, defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/UFRJ em 1995. Este artigo foi recebido para publicação em junho de 1997.

\*\*Pesquisadora do ISER, doutoranda do PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.

## Introdução

Este trabalho tem como ponto de partida o decantado paradoxo entre o projeto universalista da Igreja e uma necessidade, às vezes até um certo mal-estar, de ter que lidar com as diferenças contidas em seu universo. Diferenças que, especialmente nas últimas décadas, têm se tornado cada vez mais evidentes a partir de atores como o movimento negro, entidades indígenas e movimento de mulheres. A Igreja tem sido forçada por esse tipo de movimentos internos ou externos a reconhecer como historicamente tem criado distinções entre os grupos sob os quais recai o seu domínio. Certamente, esse problema que se coloca para para a Igreja Católica também passa a mobilizar as Igrejas Protestantes. A emergência desses novos atores sociais, reivindicando seu lugar nas Igrejas, exige o enfrentamento da questão por ambas as tradições.

No caso das mulheres, no qual me deterei, é importante ressaltar algumas especificidades. Em contraposição a negros e índios, para quem a própria questão de uma identidade dentro da Igreja é mais recente e as marcas históricas da dominação cristã são mais precisamente delineadas, para as mulheres o passado originário da sua exclusão de certas esferas e da percepção disso se apresenta como bem mais longínquo, chegando ao início da era cristã. As releituras atuais de textos do cristianismo primitivo têm procurado mostrar como a tensão por disputas de poder entre os gêneros na Igreja está presente desde os seus primeiros passos e especialmente no seu processo de institucionalização, quando parece que as mulheres são mais definitivamente alijadas.<sup>1</sup> Mais recentemente, a pressão das mudanças culturais

---

<sup>1</sup> Ver FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher. Uma nova hermenêutica*. São Paulo, Paulinas, 1992 e RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião*. São Leopoldo, Sinodal, 1993.

que têm origem na década de 1960 e que engloba as reivindicações feministas têm constituído uma fonte de questionamentos sem precedentes. Permitiu, inclusive, o surgimento de pressões que passam a vir de dentro da Igreja, do corpo de seus fiéis e pensadores. A introdução de certas idéias, valores, comportamentos que se centram na contestação de uma posição inferiorizada da mulher tem aparecido tanto na voz solitária de militantes católicas ou protestantes quanto em grupos organizados.<sup>2</sup>

As mulheres, tanto as de comunidades de base quanto algumas teólogas, influenciadas pelo ideário feminista<sup>3</sup> ou mesmo através de ligações com militantes ou instituições mais declaradamente feministas, iniciam um processo de reconhecimento do que seria a "misoginia", o "sexismo", a "opressão" das mulheres praticada historicamente desde as interpretações dos relatos bíblicos até as diferenças de poder nas instâncias eclesiais ou nas comunidades. Em termos gerais, a Igreja Católica tem sido bastante reticente na resposta a essas reclamações e em admitir possibilidades de mudança. Contudo, estrategicamente, tem adotado uma postura de quem é solidária com as reivindicações dessa parte de seu rebanho. É notória, por exemplo, a quantidade - aqui não entraremos na discussão sobre

---

<sup>2</sup> Alguns eventos explicitam a crescente participação e pressão das mulheres nas Igrejas como o VIII Encontro Intereclesial das CEBs em Santa Maria (RS) em setembro de 1992 e a Iª Jornada Ecumênica realizada em outubro de 1994 em Mendes (RJ). Para o primeiro, ver a *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 52, fasc.208, 1992; e para o segundo KOINONIA. *O sonho ecumênico: prefácio ao novo milênio*. Rio de Janeiro, Koionia, 1995.

<sup>3</sup> Uso o termo ideário feminista no sentido do conjunto de idéias que circula na literatura e discussões que se definem tendo como objeto a situação da mulher no contexto das relações de gênero e o questionamento de pressupostos e atitudes que expressam a sua "dominação". Esse conjunto de idéias tem como referência os movimentos organizados de mulheres que lutam pela igualdade entre os sexos especialmente a partir da década de 1960.

Catolicismo e protestantismo...

a qualidade em termos de avanços ou retrocessos - de declarações papais que têm saído nos últimos anos tratando do papel da mulher, de seu lugar na família e de questões centradas na reprodução. Outro dado ilustrativo é o fato da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) ter determinado para a Campanha da Fraternidade em 1990 o tema "Mulher e Homem: Imagem de Deus". No caso das Igrejas Protestantes basta falar da possibilidade de ordenação de mulheres, processo iniciado já na década de 1970. Contudo, apesar desses exemplos de manifestações de preocupação com a questão por parte das hierarquias das Igrejas, ainda é muito difícil falar do impacto do feminismo nesse nível. O que certamente tem sido bastante contundente são as manifestações das próprias mulheres.

A questão do paradoxo entre as pretensões universalistas e igualitárias em contraposição a uma atuação e doutrina hierárquicas para com alguns grupos, ainda tem sido um assunto predominantemente tratado só por eles próprios - pelo menos é o que acontece no caso das mulheres. São elas que têm refletido mais enfaticamente sobre o seu lugar na tradição cristã e nas Igrejas hoje e que passam a introduzir novas perspectivas possíveis para a sua participação. E nesse sentido, tem destaque a produção teológica realizada por mulheres no Brasil que se propõem porta-vozes das expectativas das mulheres de camadas populares, especialmente das CEBs no caso das católicas. É, então, a partir do que aparece nessa produção e nos discursos, eventos e contextos que a sustentam que coloco alguns pontos para o debate.

### **Uma Teologia Feminista católica**

A Teologia Feminista, que passa a ser produzida no Brasil a partir de 1985<sup>4</sup>, é uma elaboração teológica que investe singularmente na composição entre religião e alguns pressupostos feministas, referenciada a um movimento de mulheres organizadas dentro da Igreja Católica. É uma linha de pensamento teológico e feminista que prova, reencenando com originalidade antigas tensões, como a da igualdade e diferença, as mais particulares combinações têm lugar, o que não deixa de ser característico de nossa cultura ocidental moderna. Utilizo as referências do grupo de teólogas feministas católicas radicadas no Rio de Janeiro, cuja produção intelectual e reconhecimento institucional lhes garante uma posição representativa na Igreja, considerando particularmente as linhas mestras de seu pensamento e tendo como pano de fundo o debate feminista atual.<sup>5</sup>

A reflexão de um grupo de mulheres dentro da Igreja, que não pretende o rompimento, mas a transformação dentro de sua própria tradição, um grupo que se assume enquanto sujeito político a partir da identidade feminina constitui uma novidade no contexto da Igreja. O que quase sempre caracterizou a relação entre feminismo e religião foi o afastamento. Na história do feminismo norte-americano, visto sempre como paradigmático,

---

<sup>4</sup> Utilizo aqui o termo "teologia feminista" no sentido mais flexível e relativizado que seu uso adquire diante da constatação da diversidade das novas opções "feministas" hoje correntes e também porque é um conceito assimilado pelas teólogas, embora, muitas vezes, continue intercambiável com "teologia feminina" ou "teologia na ótica da mulher".

<sup>5</sup> Para o conjunto deste trabalho foram entrevistadas teólogas ligadas à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, reconhecidas pelo lugar institucional que ocupam, participação em eventos públicos e trabalhos editados, além de teólogas protestantes e de outros estados. Também foi consultada e analisada boa parte da produção dessas autoras.

Catolicismo e protestantismo...

o que se nota é o rompimento com a "religião patriarcal", identificada como o principal suporte ideológico da dominação masculina. No Brasil, muitos são os depoimentos de "feministas históricas" que relatam como inconcebível na década de 1970 a convivência entre feminismo e religião. Contudo, é também no período de surgimento e auge do movimento feminista que nasce uma série de movimentos populares que seriam mais tarde responsáveis por uma forma de articulação entre pertencimento religioso e a consciência de uma identidade feminina. Dentre esses movimentos, destacam-se, no âmbito da Igreja Católica, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a "expressão mais marcante" da perspectiva de renovação da Igreja e da Teologia que começa a acontecer na década de 1960.<sup>6</sup> Trata-se de uma experiência de igreja centrada na "opção preferencial pelos pobres", que passa a contar com a participação ativa das mulheres, já integrantes majoritárias das paróquias, embora sem ocupar postos de decisão.

Mais tarde, especialmente na década de 1980, essa experiência vai dar origem a um conjunto de reflexões, inclusive por parte de mulheres teólogas, que participavam das CEBs como agentes de pastoral. É esse processo de mobilização das mulheres nas comunidades e a incorporação da Teologia da Libertação que vai propiciar a entrada efetiva da mulher como sujeito e objeto na reflexão teológica institucionalizada, uma área tradicionalmente masculina. As teólogas percebem uma participação diferencial das mulheres nesses novos movimentos populares e advogam que, no contexto das CEBs, elas passam a ser valorizadas a partir de seu cotidiano e de sua experiência de

---

<sup>6</sup> MACEDO, Carmen C. CEBs: um caminho ao saber popular. *Comunicações do ISER: Teologia Feminina*. Rio de Janeiro, ano 9, nº 35, 1990, p.23-29.

vida de "mulher pobre".<sup>7</sup> Nesse período, surgem, então, as primeiras publicações das mulheres teólogas.

São artigos editados em revistas pastorais ou coletâneas da Teologia da Libertação, que se preocupam em dar visibilidade às mulheres na Igreja. Dentro da perspectiva de uma "nova hermenêutica" que leve em consideração a ótica das mulheres, as teólogas passam a reler os textos bíblicos, tentando desconstruir os nós que prendem a mulher a uma imagem negativa na tradição cristã, marcada pelo peso do pecado original.<sup>8</sup> Apresentam Eva como parte da boa criação divina e não como a culpada pela queda da humanidade.<sup>9</sup> Descobrem o papel das heroínas bíblicas do Antigo Testamento, segundo a narrativa, mulheres fortes que guiaram ou libertaram o seu povo. Reivindicam a "feminização" dos conceitos teológicos, com a introdução de um princípio feminino na noção de Deus e da Santíssima Trindade.<sup>10</sup> Valorizam o papel de Maria não como a

---

<sup>7</sup> Cf. NUNES, Maria José Rosado. De mulheres e de deuses. *Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, vol. O, n° O, 1992, p.5-30; JARSCHER, Haidi. Transformar pedras em pão e rosas... o próprio das feministas. *Curso de Verão*. São Paulo, Paulinas, 1990, p.46-56.

<sup>8</sup> Ver: TEPEDINO, Ana Maria & BRANDÃO, Margarida L. R. A força mutante das mulheres: paixão e compaixão. In: BRANDÃO, M. L. R. (org.) *Teologia na ótica da mulher*. Rio de Janeiro, PUC, 1990, pp.7-29; WEILER, Lúcia. Uma leitura feminista da Bíblia: perspectivas hermenêuticas. *Convergência* 25, 1990, pp.272-288; BORGES, Regina. Uma necessidade urgente: reler a Bíblia com olhos de mulher. In: BRANDÃO, M. L. R. (org.) *Op.cit.*, p.110-134; BINGEMER, Maria Clara L. *O segredo feminino do mistério. Ensaios de teologia na ótica da mulher*. Petrópolis, Vozes, 1991.

<sup>9</sup> 9 Sobre Eva, ver: GEBARA, Ivone. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. São Paulo, Paulinas, 1989; A mulher, contribuição à teologia moral na América Latina. In: BINGEMER, Maria Clara L. (org.) *O mistério de Deus na mulher*. Rio de Janeiro, ISER, 1990, p.13-26; BINGEMER, Maria Clara L. *Op.cit.*

<sup>10</sup> CAVALCANTI, Tereza. Mulheres e profetismo no Antigo Testamento. *Curso de Verão*. ano II, São Paulo, Paulinas, 1988, p.359-370; O ministério profético das mulheres no Antigo Testamento. Perspectivas de atualização. In: BINGEMER, M. C. L. *et alii. O rosto feminino da teologia*. Aparecida, Ed. Santuário, 1990, pp.17-36;

virgem submissa, mas como a mulher que disse não ao pecado ou como a única ponte inquestionável entre Deus e os homens, entre o espírito e a carne.<sup>11</sup> E, especialmente, focam a relação de Jesus e da comunidade cristã primitiva em termos igualitários. Demonstram como ele teria promovido uma posição digna e prioritária às mulheres, o que teria sido escamoteado no processo de institucionalização da Igreja já nos primeiros séculos, resultando em uma "patriarcalização" dos conceitos e tradição e afastamento das mulheres das posições de poder e acesso ao sagrado.<sup>12</sup>

Movimentos como a participação expressiva das mulheres nas Comunidades Eclesiais de Base, as tentativas de releitura da Bíblia por parte de teólogas americanas e europeias e a própria expansão das idéias feministas de igualdade entre os sexos, levam as teólogas brasileiras a elaborarem novas formas de representação da mulher e da sua relação com o transcendente. São mulheres, na sua maioria leigas, que envolvidas no trabalho pastoral com as CEBs passam a absorver estas propostas de libertação da mulher e questionar a misoginia que percebem na Igreja e na tradição cristã. No seu trabalho como "porta-vozes" das mulheres do povo, em textos de assessoria aos trabalhos comunitários, publicações mais acadêmicas ou mesmo teses e dissertações em teologia,

---

BINGEMER, Maria Clara L. O conhecimento de Deus desde a ótica da mulher. In: BRANDÃO, M. L. R. (org.) Op.cit., 1990, pp.74-109; BINGEMER, Maria Clara L. A Trindade a partir da perspectiva da mulher: algumas pistas para reflexão. In: BINGEMER, M. C. *et alii*. Op.cit., 1990, pp.103-127; BINGEMER, Maria Clara L. Op.cit., 1991.

<sup>11</sup> Sobre Maria, ver: GEBARA, Ivone. & BINGEMER, Maria Clara L. *Maria mãe de Deus e mãe dos pobres. Um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1987; TEPEDINO, Ana Maria. A mulher como memória. In: BINGEMER, Maria C. (org.) Op. cit., 1990, pp.75-82.

<sup>12</sup> Ver: TEPEDINO, Ana Maria. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis, Vozes, 1990; BINGEMER, Maria Clara L. Op.cit., 1991.

compõem um original arcabouço de idéias, combinando religião e feminismo. Especialmente no caso das teólogas católicas isso se expressa em uma aproximação com as correntes feministas que valorizam a singularidade do feminino e não mais só a sua igualdade com o masculino, palavra de ordem do movimento feminista dos anos 1970.

Um marco fundamental nesse processo, para as teólogas católicas, é o diálogo entre elas e militantes feministas que começa a ser travado no início da década de 1990. Teólogas e feministas passam a se aproximar, descobrir as diferenças e semelhanças dos seus trabalhos com mulheres e trocar suas experiências.<sup>13</sup> Isso se dá particularmente a partir da temática dos Direitos Reprodutivos, que volta a ganhar mais atenção na agenda feminista dos anos 1990. As teólogas, ao pretenderem trabalhar com a questão feminina, tiveram que se deparar com esta problemática, a partir do seu contato com as mulheres de camadas populares, em especial as mulheres das CEBs, que já há algum tempo vinham assumindo um comportamento reprodutivo de certo modo contrário às normas oficiais da Igreja.<sup>14</sup> Diante da dificuldade de lidar com a questão, as teólogas aceitam o chamado das militantes feministas para um diálogo centrado nesse tema. São realizados, então, uma série de encontros que visavam debater o tema Teologia e Direitos Reprodutivos.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> Ver, por exemplo, a coletânea organizada por BRANDÃO, Margarida L. R. & BINGEMER, Maria Clara L. (orgs.) *Mulher e relações de gênero*. São Paulo, Loyola, 1994.

<sup>14</sup> Cf. VICENTE, Ione Borges F. A mulher como sujeito e objeto da reflexão teológica na América Latina. Rio de Janeiro, PUC, 1993, Dissertação de Mestrado em Teologia; As mulheres na Igreja latino-americana. *Contexto Pastoral*. Campinas, CEBEP/Rio de Janeiro/CEDI, 1993, ano 11I, maio/junho, n° 14, p.8.

<sup>15</sup> O primeiro Seminário Nacional de Teologia e Direitos Reprodutivos ocorreu em 1992 em São Paulo promovido pelo Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina, Católicas pelo Direito a Decidir e SOS Corpo, Gênero e Cidadania.

Catolicismo e protestantismo...

Como resultado desse contato, podemos perceber uma relação mais próxima das teólogas com a militância política e com as teorias e estudos feministas. Elas passam a discutir mais, se são ou não feministas, se devem ou não usar este termo, se devem se posicionar politicamente assim. Além disso, conceitos como o de relações de gênero passam a fazer parte de seus trabalhos. Elas descobrem que as contribuições feministas poderiam ser úteis para a sua reflexão teológica e trabalho pastoral. Ao mesmo tempo, procuram se diferenciar de posturas feministas consideradas demasiadamente radicais.

Em síntese, o que acontece de mais interessante nesse contato é a "escolha" que as teólogas fazem de um determinado tipo de feminismo. Um feminismo baseado na diferença, na especificidade e na valorização da mulher. Um feminismo que, antes de tudo, se adequava ao tipo de produção que já vinha sendo desenvolvido por elas, em termos de privilégio à singularidade feminina. Um feminismo que começava a se fazer muito presente nas correntes feministas ligadas ao trabalho com a saúde da mulher ou direitos reprodutivos e a ecologia.<sup>16</sup> Um ecofeminismo ou feminismo da diferença. Essa nova perspectiva trazia propostas de valorização da mulher como "salvadora ecológica", já que ela sempre teria estado mais próxima da natureza e mais distante dos "processos de destruição" ligados ao mundo público, à sociedade industrial. As teólogas parecem ser seduzidas por essa corrente tão afim com as suas

---

O segundo foi em 1993 em Olinda sob a coordenação do SOS Corpo, Gênero e Cidadania. E o terceiro seminário em 1994 no Rio de Janeiro organizado pelo Projeto Sofia - Mulher e Teologia, do Instituto de Estudos da Religião. Todos estes encontros contaram com a participação de renomadas representantes do campo feminista e teólogas católicas e protestantes.

<sup>16</sup> Ver ARRUDA, Angela. A diferença revisitada: dos direitos reprodutivos ao ecofeminismo no Rio de Janeiro. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 23-27 de novembro de 1994.

perspectivas de proximidade da mulher com a vida, com a natureza e com Deus.<sup>17</sup>

Além disso, nos últimos anos, a Teologia de um modo geral passa a se preocupar também com o tema da ecologia, dentro do elenco de aspectos que assume a crise da modernidade. Estudiosos da Igreja e teólogos dedicam-se a investigar a "crise" material e espiritual que assola a humanidade, bem como as respostas que ela tem provocado. É o caso dos "novos movimentos religiosos", de um certo reencantamento do mundo e da ecologia. Nessa perspectiva ecológica, considera-se que o homem é capaz de compensar a destruição ambiental causada até hoje, resgatando o seu lugar como "criação divina", capaz de salvar o mundo em que vive. A passagem do relato da criação que falava no homem como dominador da natureza passa a ser reinterpretado no sentido de que o homem tem a responsabilidade pela manutenção ou pela não destruição do ambiente em que vive.<sup>18</sup>

Dentro desse contexto, as teólogas se sentem a vontade para incorporar as discussões sobre "ecologia e salvação", ao lado das perspectivas eco feministas de que a mulher tem um papel especial nesse processo de salvação do mundo. Mais do que isso, ela, que sempre foi vista como "pecadora",

---

<sup>17</sup> Em função do fato desses acontecimentos serem muito recentes, há ainda pouca bibliografia específica das teólogas católicas sobre direitos reprodutivos e ecofeminismo, embora sejam assuntos que aparecem de forma exemplar nos depoimentos colhidos em meados de 1994. Ver ROHDEN, F. Op.cit., 1995.

<sup>18</sup> Trabalhos que vão nessa direção: BRANDÃO, Margarida L. R. Mulher e homem: igualdade e reciprocidade. In: BINGEMER, Maria C. (org.) Op.cit., 1990, pp.27-46; VICENTE, Ione Borges F. Ecofeminismo. In: LANDIN, L. & LEIS, H. R. (orgs.) *Comunicações do ISER. Ecologia. religião. sociedade*. Rio de Janeiro, ISER, nº 43, 1992, pp. 41-43; VICENTE, Ione Borges F. *A mulher como sujeito e objeto da reflexão teológica na América Latina*. Op.cit., 1993; BINGEMER, Maria Clara L. *Alteridade e vulnerabilidade: experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise*. São Paulo, Loyola, 1993; GEBARA, Ivone. *Trindade: palavra sobre coisas velhas e novas: uma perspectiva ecofeminista*. São Paulo, Paulinas, 1994.

Catolicismo e protestantismo...

"irracional", "não dominada", "mais perto das forças da natureza", passa a ser resgatada como aquela capaz de recuperar o mundo. O interessante é que isso ocorre pelo mesmo motivo, a sua associação com a natureza. É porque sempre teria estado mais próxima da natureza, da vida e mais longe da destruição da sociedade industrial, da cultura ocidental que seria capaz de recuperar o mundo.

A especificidade feminina, que já existia na produção teológica desde meados da década de 1980, passa então a ganhar novas cores e nova legitimidade, a partir do momento em que existe respaldo em uma corrente feminista atual. O feminino é mais valorizado e sua singularidade utilizada como forma de reivindicar a ocupação de novos espaços pela mulher. Trata-se de uma busca da igualdade de condições sócio-econômicas a partir da diferença do feminino. E para as que vão ainda mais longe, trata-se de "feminizar" o mundo, "contaminá-lo" com as características femininas.

É a partir desse contato com o feminismo e a sua incorporação no discurso das teólogas católicas que sugiro que se constrói uma nova corrente teológica feminista. Uma teologia ecofeminista ou feminista da diferença, já que as teólogas não fazem distinção entre esses dois termos, marcada pela incorporação de parte do ideário feminista atual, exatamente a parte que permite o privilégio à hierarquia e à diferença e situada dentro dos domínios permitidos pelo pertencimento religioso institucional.

É interessante que essa proposta teológica feminista católica apresenta semelhanças, mas também importantes distinções com a produção das teólogas protestantes, desenvolvida paralelamente.

### **Uma teologia feminista protestante**

A produção teológica das mulheres protestantes está extremamente fundamentada na luta pelo ministério ordenado e pelo exercício pastoral. De acordo com Sampaio<sup>19</sup>, as mulheres sempre foram presença massiva nas Igrejas Protestantes, inclusive nas Pentecostais. Foram estas últimas que primeiro concederam a ordenação às mulheres: em 1922, o Exército da Salvação já atuava através de ministérios ordenados de homens e mulheres, e em 1958, a Igreja do Evangelho Quadrangular ordenava suas primeiras ministras.<sup>20</sup>

Quanto às igrejas protestantes históricas, já havia reivindicações pela ordenação de mulheres na década de 1930. Mas foi só em 1971 que a Igreja Metodista, em seu Concílio Geral, aprovou o ministério ordenado sem distinção de sexo. Seguiram-se a Igreja Evangélica da Confissão Luterana do Brasil (IECLB), a Igreja Episcopal e a Igreja Presbiteriana Unida. A Igreja Metodista conta com cerca de oitenta pastoras, a Luterana com cerca de quarenta e a Igreja Episcopal com duas.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> SAMPAIO, Tânia Mara V. A mulher e o ministério ordenado nas Igrejas cristãs. *Curso de verão*, São Paulo, Paulinas, ano 3, n° 3, 1989, pp.211-220.

<sup>20</sup> Quanto à definição de "ministério ordenado" Sampaio diz: "De um modo geral é possível conceber que a despeito das diferenças entre as várias Igrejas a 'função específica do ministério ordenado é a de congregar e construir o Corpo de Cristo, pela proclamação e ensino da Palavra de Deus, pela celebração dos sacramentos, e pela direção da vida da comunidade na sua liturgia, missão e diaconia.'" Id., ib., p.212. (Conforme Documento do Conselho Mundial de Igrejas, CONIC e CEDI, Rio de Janeiro, 1983, p.38.)

<sup>21</sup> Também conforme SAMPAIO. T.M. Op.cit.,1989. E bom lembrar que esses dados são de 1989 e provavelmente esse quadro já deve ter sofrido alterações. Com exceção da Igreja Evangélica da Confissão Luterana do Brasil (IGREJA EVANGÉLICA DA CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL. Relatório de pesquisa sobre as pastoras da IECLB. São Paulo, 1992.), que editou em 1992 uma pesquisa sobre o perfil das suas então 46 pastoras (em relação aos 523 pastores homens), não tive acesso a dados mais recentes da ordenação de mulheres.

Catolicismo e protestantismo...

Segundo entrevista com uma das primeiras pastoras ordenadas no Brasil, a afirmação do pastorado feminino foi um processo iniciado na própria faculdade de teologia, a partir da organização das estudantes, que passaram a lutar por um lugar político de reconhecimento do seu ministério. Além disso, dentro de um quadro de pouca mobilização política, ainda na época da ditadura e de professores vindos da tradição neo-liberal americana (sem contato com a Teologia da Libertação da América Latina), em sua maioria despreparados para formar mulheres pastoras, um pastorado feminino que privilegiasse o trabalho com comunidades, incluindo atenção e conscientização da "mulher pobre", teve que ser conquistado aos poucos a partir da luta de um grupo organizado e disposto a resistir a todo tipo de pressões:

A gente começou a produzir uma reflexão para nos afirmar como pastora, porque a Igreja não nos aceitava. A gente tinha que enfrentar a negação dos bispos, dos pastores e das Igrejas. Então tinham várias pressões, desde os alunos acharem que a gente estava lá só para casar. Isso também tem uma certa história, de outros processos de formação de mulheres, que viravam só casamento de uma esposa qualificada, para o pastor. E tinha de tudo: tinha professor dizendo que a gente não tinha mercado de trabalho, que a Igreja não ia aceitar a gente, que então era melhor criar uma especialização para a gente no curso. E nas primeiras turmas a gente era muito organizada, no sentido de reagir. O que a gente queria era ser pastora, queria ser pastora de Igreja local. E aí, eu pelo menos, e outras, a gente se recusou a estudar outra coisa. A gente se recusou a namorar. A gente se recusava a tudo que pudesse ser

tomado como se a gente não tivesse interessada no pastorado. (...)

Eu acho importante, pelo menos na minha experiência, resgatar esse momento de produção de teologia, onde a gente se pretendia tomar como tema e elaborar alguma coisa de produção teológica que definisse o tipo de ministério que a gente queria, porque o que a gente queria era definir um tipo de ministério pastoral, que tinha certos cortes: que fosse ecumênico, que fosse de pastoral popular, e que tivesse essa marca do apoio às mulheres.

Depois dessa primeira fase de afirmação do pastorado feminino, as teólogas protestantes passam a construir junto com as católicas uma teologia baseada no diálogo ecumênico, a partir dos encontros teológicos nacionais e latino-americanos e informada pelo contato com o feminismo. É interessante notar que a aproximação das teólogas protestantes com o Movimento Feminista se dá em um grau de intensidade muito maior e aparentemente menos conflituoso do que as católicas. Isso acontece por uma série de fatores, a começar pela relação histórica do protestantismo com os movimentos liberais:

Tem as questões mais históricas da relação da Igreja com o movimento feminista. Eu também não sei muito bem como é que é isso. Vão se herdando as disputas sem se ter participado delas. Mas eu acho que isso é mais sério para Igreja Católica e o movimento feminista. Até porque o movimento feminista, as feministas na sua maioria foram de tradição católica. Romperam com a sua Igreja. No protestantismo não. As protestantes enquanto produtoras de teologia não têm muita dificuldade de

Catolicismo e protestantismo...

se identificar com os movimentos mais modernos. Isso está na tradição do protestantismo. E se liga com a tradição americana, que é toda tradição protestante. Porque a gente chegou aqui via Estados Unidos. Ou se liga com a Europa. Então, as pares da Europa são feministas, as pares dos Estados Unidos são feministas.

Outro fator importante na aproximação com o Feminismo é o próprio pastorado. O fato das teólogas protestantes terem a possibilidade de dirigir uma comunidade, em termos "administrativos", ou mais ainda em termos "espirituais", as coloca em uma situação muito diferente das teólogas católicas. Não que elas estejam livres de preconceitos e desigualdades de gênero<sup>22</sup>, mas é inegável que o fato de terem acesso ao "sagrado", de estarem do outro lado, não mais do lado dos leigos é fundamental. Várias reflexões de teólogas brasileiras e estrangeiras insistem que um fator preponderante nas desigualdades, principalmente em termos de poder de decisão na Igreja, é a história da negação do acesso da mulher ao "sagrado" em toda a tradição cristã oficial. Portanto, a ordenação é um salto qualitativo sem precedentes.

A formação hoje mais interdisciplinar nas faculdades protestantes garante um contato maior com os "estudos de gênero", abrindo novas perspectivas teóricas, de reivindicação por "igualdade" (ou às vezes "diferença") e práticas de atuação nas comunidades. Essa abertura leva a uma aproximação com a literatura sobre o Movimento Feminista e viabiliza o contato com as militantes. Como resultado, temos uma teologia que

---

<sup>22</sup> Há depoimentos que mostram que o preconceito contra as pastoras ainda é muito grande, seja por parte da hierarquia das Igrejas, que as colocam como pastoras substitutas ou auxiliares de pastores homens, seja das próprias Igrejas locais que boicotam sua vinda para a comunidade pelo simples fato de serem mulheres

assume mais as posturas feministas e que incorpora os conceitos dos "estudos de gênero":

Porque a teologia feminista é mais que discursos, é troca dos olhares, dos sussurros, dos cheiros, dos gostos. É uma fala que se ergue do corpo agarrado na defesa da vida e que experimenta a presença de Deus e reinventa a palavra dita sobre o sagrado, e... faz teologia. Uma teologia que é coragem de pronunciar a crítica ao sistema patriarcal e é também a atitude de recolher as cenas da realidade e lhes dar dignidade histórica. (...)

Essa teologia afirma a dignidade da vida para todos. Se ocupa das questões da existência e da compreensão do sentido da vida. E também envolve-se com a desconstrução e construção do discurso sobre Deus.

Assim, a teologia se organiza como uma das falas do corpo e, como tal, assume sua dimensão e proporção, complexo e infinito. Esta fala do corpo, não sobre e nem para o corpo, requer a contextualização, a referência à sua situação de classe, de gênero, e de raça. Isto posto, a ruptura com as verdades absolutas, perenes, imutáveis passa a ser princípio e metodologia de trabalho.

Teologia em seu método abriga a possibilidade de articulação das pessoas e de seus desejos, anseios, sonhos, vazios na busca do mistério e do encontro com o que os transcende. (...)

A proposta hermenêutica feminista assume o desafio de deixar de procurar o específico da mulher, a contribuição da mulher ou do feminino, e busca o grupo social mulher em suas diferentes expressões

Catolicismo e protestantismo...

de relações sociais. Não se pretende dar destaque à mulher ou às mulheres envolvidas nos acontecimentos para garantir a legitimidade da voz das mulheres para falar com Deus. Constatar sua presença e afirmá-la, isto sim, é um resgate necessário. Visibilizar as mulheres e suas atuações significa perguntar pela realidade estrutural e pelas relações de poder da sociedade que se compõem de atuações distintas quanto aos grupos sociais homens e mulheres.<sup>23</sup>

É possível perceber como o tom deste discurso é bastante diferenciado do das católicas. Enquanto para estas últimas o núcleo central de argumentação gira em torno da especificidade feminina, para as teólogas protestantes há até uma recusa em falar de algum tipo de singularidade que possa dar preeminência às mulheres ou servir como justificativa lógica para as lutas dentro das Igrejas. O que transparece é uma distinção entre opções por um feminismo mais preocupado com a diferença e por um outro que enfatiza mais a luta pela igualdade. Esses traços diferenciadores podem ser melhor apreciados na própria relação estabelecida entre os dois grupos.

### **A convivência e as diferenças entre católicas e protestantes**

O diálogo entre protestantes e católicas é marcado por oscilações. O elogio ao ecumenismo do movimento é uma observação constante. Mas, nem por isso as diferenças não aparecem, inclusive do próprio ponto de vista das teólogas

---

<sup>23</sup> SAMPAIO, Tânia Mara V. Uma fala sobre teologia feminista. *Contexto pastoral*. Campinas, CEBEP/Rio de Janeiro/CEDI, n° 14, 1993, maio/junho, p.5.

católicas e protestantes. Na verdade, o que perpassa os discursos é a referência a uma combinação de "semelhanças" e "diferenças" que constituem os dois lados dessa moeda. Mas, o que é interessante é o fato de que, do ponto de vista de algumas teólogas católicas, essas diferenças são vistas como "positivas", como algo que enriquece e dá dinamismo ao diálogo, enquanto que para outras, são vistas como criticáveis, justamente por denunciarem uma certa "radicalidade" das protestantes.

Além disso, o diálogo ecumênico muitas vezes esbarra na distinção da relação com o "sagrado" e com os "rituais" religiosos entre católicas e protestantes.<sup>24</sup> As católicas participam dos "rituais" a partir de uma "cosmologia" centrada na "essencialidade" dos elementos que os compõem. Mais do que isto, a participação nos "sacramentos" é o ápice da vivência religiosa católica, em função de toda a carga de "interiorização" de "sentimentos" que os caracterizam. Enquanto isso, a participação das protestantes nesses "momentos" é muito mais informada pela concepção de que os "rituais" religiosos são "construções simbólicas". Enquanto para as primeiras a maximização do "aparato" litúrgico e sacramental é constantemente buscada, para as segundas, procura-se um contato com o "transcendente" menos "mediado" pelo excesso de "símbolos". Esta diferença do modo de "aproximação" com o "sagrado", em grande medida, dá o tom da distinção entre teólogas católicas e protestantes e identifica as diferenças que elas mesmas reconhecem entre si. O fato de as católicas se considerarem "pioneiras" da Teologia da Mulher se contrapõe ao "acesso ao sagrado" que as pastoras têm.

No âmbito da diversidade, aceita como enriquecedora, coloca-se a discussão sobre o privilégio à academia ou ao

---

<sup>24</sup> Para isso, ver SANCHIS, Pierre. Identidade católica. *Comunicações do ISER*. n° 22, 1983.

Catolicismo e protestantismo...

contato com as camadas populares. E isso varia de acordo com os depoimentos coletados. Por exemplo, enquanto algumas católicas reclamam da formação acadêmica protestante mais "incipiente", dizendo que elas fazem muita reflexão, mas pouco escrevem ou sistematizam, outras identificam as protestantes como mais preocupadas com a "luta" acadêmica, sendo as católicas as que mais teriam se aproximado da "mulher pobre":

Agora, eu vejo assim, eu acho que as protestantes se sentem mais atraídas pelos trabalhos diretamente com as fontes bíblicas. E talvez nós, estejamos mais do lado da teologia sistemática, da elaboração, e acho que esses dois lados se complementam. Agora, em termos de comprometimento com as classes mais pobres, com a Teologia da Libertação, eu acho que as católicas tem ido mais fundo. Embora haja protestantes que também tenham ido muito fundo. Mas a luta das protestantes talvez seja um pouco mais acadêmica, permanece um pouco mais acadêmica, permanece um pouco mais ao nível da reflexão, que é muito importante. Mas essa interação indissolúvel com as mulheres mais pobres, eu percebo muito mais nas católicas.

Aqui podemos sugerir uma certa "oposição" entre o que seria para as católicas uma "pastoral leiga" e a "pastoral consagrada" das protestantes. Mesmo não tendo acesso ao ministério ordenado, as teólogas católicas integram as pastorais populares e fazem questão de explicitar como esse contato com o "povo" é o ponto de partida e o objetivo último de seu trabalho. Já as teólogas protestantes, na maior parte das vezes, são também pastoras, exercendo efetivamente as funções de "condução" da comunidade religiosa, inclusive a "orientação

espiritual" dos fiéis. São lugares, portanto, muito diferenciados. As católicas reivindicam que são as que mais se aproximam das "camadas populares", as que mais têm trabalhado com as "mulheres pobres". Mas elas fazem isso enquanto mulheres leigas, desprovidas de "poder" sobre o "sagrado". Nesse sentido, ocupam posições muito diferentes das pastoras protestantes que representam nas comunidades a maior "autoridade" sobre o "sagrado" (quando não há pastores homens), à medida que são ordenadas pela Igreja, dotadas do "dom ministerial". Mais uma vez é um "acesso" ao "sagrado" nitidamente distinto que sintetiza uma relação diferenciada com a "comunidade".

O reconhecimento da diferença passa também pela visão de que as protestantes têm mais liberdade nas suas Igrejas enquanto instituições e nas comunidades em que trabalham. Isso possibilitaria, entre outras coisas, uma maior facilidade de aproximação com as idéias e as reivindicações feministas, como os direitos reprodutivos, por exemplo. Segundo uma entrevistada católica:

Eu acho que as protestantes no Brasil estão muito mais nessa rede de direitos reprodutivos. As católicas, a gente entrou depois. A perspectiva delas é um pouco diferente. Primeiro porque o grau de liberdade que elas têm na Igreja é muito maior que o grau de liberdade que nós temos. E o fato de elas serem pastoras, na verdade elas têm uma coisa que nós não temos, que é uma comunidade religiosa aos cuidados, uma coisa que nós não temos. Então, o fato de ter uma comunidade religiosa aos cuidados está associado a certas solicitações temáticas diferentes das nossas. As católicas são mais ligadas ao meio acadêmico e as comunidades de base. Então as nossas temáticas, eu acho que nós somos poucas

Catolicismo e protestantismo...

aquelas que trabalham com teologia feminista... É diferente o estilo delas. Agora, eu acho, sem nenhuma falsa modéstia, eu acho que a gente é mais bem estruturada teologicamente que elas. É diferente a maneira delas de fazer teologia.

Uma visão de conjunto dos depoimentos das teólogas mostra que existem dois temas de estrangulamento das diferenças. Trata-se do sacerdócio e da relação com o Movimento Feminista. Quanto ao sacerdócio, o que mais chama a atenção é um "silêncio" das católicas sobre a importância desta discussão. A questão da ordenação feminina é pensada ou exposta como um problema para as mulheres protestantes, como uma conquista delas e algo que as coloca em uma situação de certa forma privilegiada dentro das Igrejas. Mas, em se tratando de catolicismo, não aparece como um tema prioritário. É possível sugerir que o aparente desprezo da luta pelo sacerdócio feminino é muito mais fruto da constatação de que esta é uma conquista "impossível" para os próximos anos no catolicismo, haja vista as recentes declarações do Papa João Paulo II de que esta questão está encerrada. E também reflete o lugar que ocupa esse grupo de teólogas católicas no debate sobre "igualitarismo". Elas dizem que não lutam pelo sacerdócio porque não estão interessadas na sua própria ordenação. Ao mesmo tempo, também afirmam que não vêem argumentos teológicos para que a mulher não seja ordenada. Mesmo com esta constatação, elas não se propõem a lutar por esta conquista, o que seria legítimo de um ponto de vista feminista que busca a "igualdade" no exercício de qualquer função ou acesso a "posições privilegiadas". Ou seja, se não há argumentos dentro da sua tradição que impeçam a mulher de ocupar este ministério, por que elas, que se percebem enquanto um "movimento" que procura o reconhecimento da mulher como participante

fundamental na Igreja, não lutam para que o direito a esta possibilidade seja concedido às mulheres católicas que o desejarem? Declarações das teólogas católicas de que a ordenação feminina não é um tema prioritário freqüentemente desagradam as protestantes, para quem esta é uma questão fundamental.

As católicas entendem que o lugar ocupado pelo sacerdócio na conquista de "poder" pelas protestantes pode ser "substituído" por outras conquistas no âmbito católico, como por exemplo, o domínio do saber:

A gente não está lutando para ser sacerdote, e elas acham que isso daí é uma coisa importante. Nós achamos que o fato de a gente ter se aprofundado teologicamente, o saber também é poder. E a gente conseguiu um tipo de poder que é através do conhecimento, da reflexão, da ciência.

Quanto à relação com o feminismo, a distância entre católicas e protestantes é maior. As católicas associam às protestantes indícios do que elas consideram uma perspectiva feminista "radical". Isso aparece com destaque na visão das católicas do que as protestantes criticam na tradição cristã e de como essas críticas são feitas. As católicas acham que as protestantes, ao se aproximarem das teólogas feministas do Primeiro Mundo, incorporam uma "negação", "recusa" da tradição que seria característica daquelas teólogas. Além disso, esse "repúdio" seria feito de uma forma demasiado "agressiva", contribuindo para a permanência da "discriminação" contra a mulher pelos homens:

Então eu acho que... às vezes, elas (as teólogas protestantes) criticam uma coisa muito

Catolicismo e protestantismo...

superficialmente. Além do mais, eu acho que nós mulheres temos que tomar um certo cuidado, de ficarmos numa posição de que os homens são horríveis, que o discurso masculino não serve para nada, porque tem muitas que falam isso. Dizem que já passou essa época, que está ultrapassado. Eu não acho não. Há toda uma tradição que você tem que olhar o que está escrito lá. Acho que você vai questioná-los, tendo ouvido, tendo conhecido. Acho que há essa diferença mesmo.

Esse debate sobre a incorporação de perspectivas mais ou menos "radicais", contribui de forma ímpar para entendermos como o grupo de teólogas católicas do Rio se constitui em relação a 'outros expoentes. Nessa visão sobre as teólogas protestantes, podemos perceber com o que as católicas se identificam e do que fazem questão de se distanciar. E isso não aparece só em relação às teólogas protestantes, mas também no discurso quanto a duas outras personagens paradigmáticas, a teóloga católica e religiosa Ivone Gebara e a socióloga também católica, que já foi religiosa, Maria José Rosado Nunes:

As diferenças começaram a ficar mais claras. Eu diria que as protestantes, enveredaram mais, com um contato mais próximo com as mulheres do Primeiro Mundo. Então elas incorporaram bem mais o feminismo de primeiro mundo do que as católicas. E nesse incorporar o feminismo do Primeiro Mundo, a Ivone Gebara, entre as católicas, entrou mais. Em relação ao catolicismo, as críticas que ela faz são muito mais profundas, são críticas mais fundamentais ainda, não só à teologia mas ao cristianismo. São críticas verdadeiramente radicais.

Então o que eu acho que constitui mais a diferença foi isso: a identificação maior com os temas e com a perspectiva das feministas do Primeiro Mundo. Por outro lado, acho que as católicas... As protestantes também entraram mais na perspectiva sociológica. Nesse ponto acho que a Zeca (Maria José R. Nunes) foi, das católicas, a que ficou na ponta. Então, a partir daí começou uma certa dificuldade de admitir as diferenças, engolir as diferenças. O fato de considerar que aquela teologia que nós fizemos, que ela por visibilizar as mulheres, é uma coisa ultrapassada no momento, que agora se trata de uma perspectiva muito mais ampla, de ir muito mais fundo, de rejeitar o patriarcalismo desde o início, e junto com o patriarcalismo entra toda a instituição, a Igreja, toda a tradição, entra a Bíblia e tudo mais. Isso para nós é um pouco mais difícil, porque nós assimilamos tudo isso muito profundamente. Nossa pele, nossa fé, está muito mais ligada à Bíblia. Para nós é impossível jogar a Bíblia fora. Então quando tem um ritual de jogar a Bíblia fora, o Papa e tudo mais, então algumas pessoas ficam sensibilizadas.

Nota-se nesse depoimento extremamente interessante a ambigüidade de um tom de "acusação" e "defesa" e, mais do que isto, a atribuição às protestantes ou mesmo a Ivone Gebara de um "radicalismo" (como associá-las a rituais de "jogar" a Bíblia e o Papa "fora") que eu não encontrei em nenhum momento. É interessante que Gebara e Nunes aparecem para as católicas do grupo do Rio, ora estando do seu lado, na luta pelo direito da mulher fazer teologia, ora do outro lado, que pode às vezes ser o lado das protestantes, ou simplesmente, o lado de quem é mais "radical" como as "mulheres dos movimentos feministas" fora

Catolicismo e protestantismo...

da Igreja. Ou seja, o que transparece são as diferenças internas entre esse dois grupos que, em alguns momentos, ficam subsumidas diante da proposta mais ampla de um movimento ecumênico de mulheres na tradição cristã.

### **Teologia Feminista nas Igrejas**

Nesse ponto pretendo mostrar como as teólogas percebem sua inserção nas instituições. No caso das católicas, toda a sua produção se dá dentro de um contexto institucional muito rígido, com parâmetros bem definidos, ainda mais quando se trata de novos agentes, como é o caso das mulheres fazendo teologia. A sua situação profissional também tem esses moldes como referência. Como disse uma das entrevistadas "nós não fazemos teologia sozinhas, fazemos dentro de uma comunidade". Esta comunidade, que é a Igreja, varia muito em relação ao lugar ocupado pelas mulheres. Em geral, as opiniões são de que quanto mais progressista é a diocese, mais atenção é dada à mulher como um ator social importante. Nesse sentido, o Rio de Janeiro é visto como conservador em relação a outros estados, como São Paulo, por exemplo. E isso "explicaria" um maior "cuidado" das teólogas cariocas em se contraporem às idéias oficiais. Acredito que este é um dado importante para entendermos as posições das teólogas, mas não é o único suficiente.

A contextualização da Teologia Feminista na Igreja tem que passar pelo olhar em duas direções: a luta e o reconhecimento de sua produção e a inserção da mulher na Igreja em termos mais amplos. O reconhecimento da produção significa a admissão de que a teologia produzida por essas mulheres é competente e válida para a Igreja. Só que "ser válida para a Igreja" significa ser válida para os homens da Igreja, já que são eles que assumem os lugares privilegiados do magistério

eclesial. Em termos oficiais, a "Teologia Tradicional" foi produzida e gerenciada por homens, em geral celibatários, não havendo lugar para um enfoque feminino. Dentro desse quadro de dificuldade de transformação, as teólogas percebem que já conseguiram alguns avanços, mas sua produção continua sendo vista com reservas. Em algumas situações, se nota até uma "discriminação positiva", no sentido de criar um lugar para as mulheres se expressarem, mas um lugar *a priori* determinado. Concede-se um espaço "politicamente correto" para as mulheres, onde suas vozes devem ficar concentradas, impedindo que façam eco na teologia que é realmente admitida e utilizada pela Igreja. É o que mostra o depoimento que segue:

Eu acho que têm diferentes graus de aceitação. Acho que o primeiro grau de aceitação foi dizer "viram, já temos mulheres trabalhando". Como se eles pusessem uma florzinha na lapela. Para dizer, "estamos bem agora, junto com mulheres". Então, num momento eles achavam que a gente tinha uma função decorativa ou uma função de dizer que eles estão abertos. Agora, eu acho que a produção começou a ser mais respeitada a partir do momento que as mulheres começaram justamente a mostrar mais competência. Apesar de que é muito difícil que eles aceitem as críticas.

Essa ambivalência quanto ao reconhecimento da competência das teólogas se manifesta também no nível da posição que as mulheres ocupam dentro da Igreja, em se tratando de "poder de decisão" e lugares institucionais. Maria Clara Bingemer<sup>25</sup>, após reafirmar a presença majoritária das mulheres nas CEBs, nas paróquias, movimentos leigos e vida

---

<sup>25</sup> BINGEMER, M. C. Op.cit., 1991, p.37.

Catolicismo e protestantismo...

religiosa, chama a atenção para as restrições quanto à participação nas decisões:

Apesar de todos estes avanços, no entanto, é preciso reconhecer que a presença da mulher na Igreja ainda deixa muito a desejar, sobretudo nos níveis chamados de decisão. Se no nível de execução a presença feminina é maciçamente majoritária, no nível de deliberação e decisão tudo ainda está quase que totalmente concentrado nas mãos dos homens, seja nas paróquias, nas diversas comissões de pastoral, ou nas dioceses. Podemos dizer que existe uma predominância de mulheres no nível intra-ecclesial de pastoral (catequese, pastoral do Batismo, da Crisma, etc.) e predominância de homens no nível de Pastoral de relação Igreja-Mundo (Pastoral Operária, de Favelas, etc.). A situação da mulher dentro da Igreja ainda é, muitas vezes, a de "mão-de-obra" barata, simpática e eficiente. As mulheres mais conscientes, no entanto, começam mais e mais a se unir e organizar para reverter este estado de coisas. Nesta luta, a Palavra de Deus as inspira e fortalece, lançando luz e verdade julgadoras sobre a situação da mulher na sociedade e na Igreja.

Essa situação de desigualdade em relação às mulheres acontece de maneira especial nas CEBs, lugares freqüentemente vistos como os setores mais progressistas da Igreja. Análises mais recentes têm mostrado que, quanto às relações de gênero, as CEBs têm reafirmado o modelo tradicional, de "dominação" das mulheres. Embasadas na Teologia da Libertação, as CEBs têm como questão privilegiada a classe social. Como veremos mais adiante, a denúncia da opressão e a reivindicação de

igualdade de gêneros é vista como uma preocupação inferior diante das desigualdades sociais e econômicas. Esse enfoque analítico se expressa na prática assumida pelas Comunidades.

Para Nunes<sup>26</sup>, apesar da exaltação que a teologia latino-americana faz da participação das mulheres, não há um projeto que lhes seja próprio, que incorpore suas reivindicações mais específicas. Para esta autora, isto se deve a um processo mais amplo que vai do "controle restrito da produção teológica até a re-clericalização dos grupos de base". O que estaria em jogo com esta "política restauracionista" seria a permanência da divisão "clero/laicato" e a predominância do primeiro nas áreas de decisão. A não concessão do sacerdócio feminino também se insere nesta discussão, à medida em que garante que a mulher permaneça na posição de leiga e não chegue às estruturas mais significativas de poder:

Assim, qualquer discurso que contenha uma proposta de inclusão efetiva das mulheres no catolicismo, subverterá, obrigatoriamente, as estruturas atuais do mesmo, por tocar num dos pilares fundamentais em que se assenta: a distinção clero/laicato, com a atribuição do poder sagrado ao primeiro e a despossessão do segundo. Um discurso inclusivo das mulheres pressupõe a crítica das estruturas patriarcais da sociedade - e das Igrejas e, portanto, apresenta-se como um discurso que desconstrói o poder dos homens, em todas as esferas sociais, inclusive as religiosas e simbólicas<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> NUNES, M. J. R. Op. cit., 1992, p.25.

<sup>27</sup> NUNES. Op.cit., 1992, p.26.

Catolicismo e protestantismo...

Ainda de acordo com Nunes<sup>28</sup>, a Teologia da Libertação não assumiu essa reivindicação da inclusão das mulheres. Isso se deve ao fato de que no Brasil, essa Teologia é criada em consonância com uma Igreja que frente ao regime militar assumia a necessidade de mudanças. A Teologia da Libertação não se opôs direta e acirradamente à hierarquia, mas fez muito mais uma política de "composição". Ao lado disso, o fato de a maioria dos teólogos serem membros do clero fez com que não se criticassem as "estruturas patriarcais" da Igreja. Fazer isso implicaria em um acirramento das "dificuldades" entre a Teologia da Libertação e o Vaticano que, apesar de ter sido capaz de assimilar o discurso em torno dos pobres, tem se mostrado irredutível quando se trata do nível organizacional da Igreja.

Para Ivone Gebara, os clérigos resistem às pressões das mulheres porque sentem-se ameaçados pelas tentativas de divisão das responsabilidades e a crescente participação nas comunidades, enquanto mostram-se abertos quanto a outras lutas sociais:

Em geral, os homens de Igreja são muito sensíveis às reivindicações sociais no mundo das fábricas, do campo, do comércio, de grupos minoritários perseguidos, mas não no interior da própria Igreja, sobretudo quando se trata de mulheres. As Igrejas inconscientemente se julgam perfeitas e não abrem espaços para as reivindicações sérias. Muitas vezes, para conservar uma fachada de abertura aos sinais do mundo moderno, cedem para uma ou outra reivindicação sem assumirem de fato aquilo que foi reivindicado.

---

<sup>28</sup> NUNES. Op.cit., 1992.

O "poder sagrado" dos homens nas instituições da religião começa a ser questionado e isto gera muita insegurança. As mulheres não obedecem mais: "tiraram o véu", não cobrem mais a cabeça e começam a falar nas assembléias...<sup>29</sup>

De um modo geral, este misto de constatação da desigualdade e de possibilidades de mudança perpassa quase todos os discursos. Apesar de acharem a situação "trágica", de identificarem a hierarquia eclesial com a "gerontocracia russa" e esperarem a sua queda, muitos são os exemplos de paróquias ou mesmo bispos que "dão abertura" à participação de lideranças femininas. Além disso, uma marca dos depoimentos é o fato de que a pressão por igualdade é algo que está começando a despontar nas "bases". E é esta pressão que levará a necessidade de transformação até a hierarquia eclesial:

Na Igreja católica, os passos só são dados quando a Igreja está madura para isso. Não adianta querer forçar as coisas antes da hora, porque não dá certo. O que eu acho que vai acontecer; é que o magistério vai ser colocado diante de um fato consumado. Vão acontecer as coisas a partir da base, quer dizer essas comunidades todas, onde a religiosa vai lá, ou às vezes a mulher leiga. E às vezes o povo diz: "a gente prefere a missa da freira do que a missa do padre". Não adianta explicar que não é missa, prá eles é. E "a gente prefere a freira do que o padre, e a gente gosta mais da irmã, quando a irmã vem..." Isso vai acontecer cada vez mais, porque cada vez tem menos

---

<sup>29</sup> GEBARA, Ivone. Desafios que o movimento feminista e a teologia feminista lançam à sociedade e à Igreja. *Estudos Teológicos*, n° 2, 1987, pp.153-161.

Catolicismo e protestantismo...

padre, e cada vez mais os leigos vão assumir e esses leigos em geral são mulheres. Então acho que isso é o que vai pressionar de baixo para cima. Mas é uma coisa que não é para já. Eu acho que tem que ter muita serenidade, porque dar murro em ponta de faca na Igreja católica nunca deu certo.

É interessante que o fato de as teólogas, de certa forma, delegarem as pressões mais diretas por mudanças às camadas populares, se combina com uma "lucidez" estratégica. Há uma percepção de que o enfrentamento não daria resultados. As teólogas católicas acreditam que o seu papel de "mediadoras" é mais importante e mais frutífero do que o de "militantes". Além do que, não há uma pretensão de assumir uma "identidade feminista militante" que se contraponha à Igreja. O caminho escolhido é da conquista lenta, mas segura, sem conflitos que levem ao rompimento.

No caso das teólogas protestantes, a postura é também de reconhecer os avanços, como a ordenação feminina, mas muito mais de criticar as desigualdades que permanecem. Desigualdades que, às vezes, se acirram no exercício do pastorado feminino. Desde a nomeação como pastora, muitas vezes dificultada pelo bispo, o lugar para onde é nomeada, em geral comunidades menores, com poucos recursos e sem "iniciativa", até a própria relação com a comunidade:

Nas minhas primeiras experiências como pastora, ou todas as minhas nomeações e de várias pastoras, eu sempre digo que a gente nunca é recebida de braços abertos, nunca. Eu não sei se alguém já foi. Eu nunca. Nenhuma é. Às vezes as igrejas se organizam para fazer abaixo-assinado para gente não ir para lá. Nem conhecem, mas a questão é porque é mulher.

Têm homens que as igrejas também tratam assim. Mas não porque é homem, é porque não concordam com a linha pastoral. Então, dos homens, as igrejas reconhecem a linha pastoral, das mulheres só reconhecem que é mulher e que é homem.

Para a teóloga protestante Tânia Sampaio, o fato das protestantes serem ordenadas e das católicas serem reconhecidas como teólogas não passa despercebido. A crescente presença das mulheres participando das comunidades leva a que seja "permitido" o acesso de algumas a determinadas posições. Mas, é interessante que àquelas que é permitido a docência (as católicas), não é permitida a ordenação e às pastoras ordenadas não é "permitido" ou possibilitado que atuem na academia:

O que foi conquistado por umas não o foi ainda pelas outras. As mulheres protestantes recebem uma formação teológica masculina (não há mulheres docentes nas áreas de Bíblia, pastoral e teologia), já as católicas, que não são ordenadas, atuam na formação dos futuros ministros ordenados.

Essa situação nos leva a pensar que os centros de poder dessas Igrejas são distintos. Numa Igreja sacramental, como a Igreja Católica, o poder está mais acentuadamente concentrado na hierarquia formada pelo ministério ordenado e nesse espaço a mulher não tem entrada. No caso das Igrejas centralizadas na Palavra (nas Escrituras Sagradas), como é o caso das Igrejas Protestantes, a concentração de poder está na formação teológica do ministério ordenado e a este centro de poder a mulher ainda não teve acesso. A mudança no interior das Igrejas é uma questão de tempo e de firmeza na

Catolicismo e protestantismo...

luta e para isso muito contribui a crescente aliança entre as pastoras e as teólogas docentes das várias Igrejas, num processo e alimentação mútua de suas práticas e reflexões.<sup>30</sup>

### **Teologia Feminista e Teologia da Libertação**

A Teologia Feminista tem na Teologia da Libertação o seu principal núcleo de origem. As mulheres que hoje produzem essa teologia foram formadas, na academia ou no seu trabalho pastoral, pelos fundamentos da Teologia da Libertação. É a partir dela que passam a refletir e questionar a Teologia Oficial e a propor novas linhas de pensamento. As idéias básicas da Teologia da Libertação centradas na "Igreja como povo de Deus", ou seja, o privilégio às lutas sociais e a "opção pelos mais pobres" são ainda recorrentes em seus trabalhos. Assim como também a aproximação efetiva com as classes populares, através principalmente das Comunidades Eclesiais de Base no caso católico.

Além disso, a referência à América Latina também é incorporada pelas teólogas. Assim como a Teologia da Libertação foi vista como projeto de "libertação" para todo o continente e teve expressões em vários países, a Teologia Feminista, às vezes chamada de Teologia Feminista da Libertação<sup>31</sup>, também se concretiza em muito através do contato

---

<sup>30</sup> SAMPAIO. T.M. Op.cit., 1989, p.216.

<sup>31</sup> Elsa Tamez, uma das mais importantes teólogas latino-americanas, faz referência ao fato de que, em alguns países da América Latina, o termo "feminista" é identificado com uma minoria de mulheres brancas e de classe dominante. Para não se confundir com este movimento, muitas teólogas latinas preferem manter explícito o vínculo com a Teologia da Libertação e denominam sua produção de "Teologia Feminista da Libertação". Ver TAMEZ, Elsa. *Teólogos da libertação falam sobre a mulher*. São Paulo, Loyola, 1989.

entre as teólogas de vários países e da reflexão sobre a realidade da América Latina. A especificidade dessa realidade, marcada pelas condições de pobreza, várias vezes é mencionada como a justificativa por certas "escolhas" que a Teologia Feminista daqui tem demonstrado. Isso se refere em particular à relação com a Teologia Feminista Internacional, produzida dentro de um contexto sócio-econômico bastante distinto.

Contudo, apesar de todas essas aproximações com a Teologia da Libertação, a Teologia da Mulher se constrói a partir da constatação de que a primeira não dava o espaço necessário para a "libertação da mulher". A Teologia da Libertação estaria demasiadamente preocupada com as questões políticas e econômicas e estaria deixando de lado a questão fundamental do ponto de vista dessas mulheres, que era a "opressão" ou o "silêncio" que marcava a "condição feminina". Fazia-se necessário que a mulher ganhasse "visibilidade" e tivesse suas reivindicações incorporadas pela Teologia da Libertação na América Latina.

No início do movimento, na década de 1980, a Teologia Feminista realmente se apresentava e se direcionava dentro dos parâmetros da Teologia da Libertação. Era como uma corrente nova, que tratava de um "tema" específico. Mas, ao desenvolver-se passou a se deparar com o debate, já enfrentado pelas feministas brasileiras dos anos 70, a respeito da predominância de lutas mais "gerais" como a questão econômica sobre lutas "menores" como a "opressão feminina". O privilégio dado à "questão da mulher" pelas teólogas fez com que se distanciassem em grande medida da Teologia da Libertação. Um distanciamento que em alguns casos significou o rompimento e o acirramento das críticas às posturas dos teólogos homens. Mas, muitas vezes, a "perspectiva da mulher" representou mais uma "aplicação" da Teologia da Libertação à "mulher". Neste segundo tipo de postura, o que está em jogo é uma recusa ao

Catolicismo e protestantismo...

rompimento, uma ênfase em continuar fazendo parte, integrando a Teologia da Libertação.

Maria Clara Bingemer se enquadra nesta perspectiva. Em seus trabalhos, fica evidente o compromisso com a Teologia da Libertação quando fala da produção teológica das mulheres no Terceiro Mundo:

Trata-se de uma produção mais coletiva, menos "visível" em termos de grandes e retumbantes publicações, mais "terminal" e "infiltrante", surgida paulatinamente das bases e da vida eclesial e penetrando lentamente a produção teológica como um todo. Concretamente, na América Latina a produção teológica feminina se auto-compreende dentro do grande conjunto da Teologia da Libertação, como humilde e modesta contribuição ao processo de redenção integral dos oprimidos de toda sorte. Em trazendo sua palavra teológica, sua visão e reflexão sobre as grandes verdades da fé articuladas com a *praxis* histórica, as mulheres latino-americanas não pretendem travar uma luta ideológica de poder com os homens, nem muito menos sobrepor o modelo de reflexão feminino ao masculino, mas esperar e trabalhar por uma nova síntese em que de fato a dialética presente na existência humana possa acontecer sem destruir nenhum dos elementos vitais.

Se o passado foi de silêncio e ausência da perspectiva feminina do conteúdo da teologia, o presente é de visibilização progressiva, que se vai docemente impondo. Na comunidade teológica do continente começa a se fazer patente o toque feminino, a perspectiva da mulher para considerar os

problemas, e a sensibilidade da mulher para colocar certas questões<sup>32</sup>.

Como podemos ver, o ponto de vista da mulher é entendido como uma "humilde e modesta contribuição", um "toque feminino", que pretende enriquecer a Teologia da Libertação. Este tipo de posição não assume as críticas feitas pelas feministas de que a Teologia da Libertação propõe a "libertação do povo de Deus", mas esquece que seus próprios integrantes "discriminam" a mulher. Apesar de pretender "uma nova síntese" entre a visão feminina e masculina, é interessante notar que, em certa medida, há uma reificação do estereótipo feminino, onde a visibilização da mulher se vai "docemente impondo", onde ela tem uma determinada "sensibilidade" para certas questões. E, além disso, permanece como um "complemento" à Teologia produzida pelos homens.

Entre as teólogas que se "distanciaram" da Teologia da Libertação, várias são as críticas que aparecem, com destaque para as protestantes. Haidi Jarschel<sup>33</sup> assinala que a Teologia da Libertação considera a mulher como sujeito histórico e na sua aproximação com Maria. Maria, que é vista como aquela que está ao lado dos pobres, é "Serva do Senhor", "Mãe da Igreja", "modelo de vida consagrada", "Servidora dos homens", "Mãe da vida nova". Títulos que em nada se distanciam de uma concepção patriarcal que define a mulher pelo seu papel de "mãe", "serviçal", "submissa" e "casta". Há uma inclusão da mulher, mas não provoca alterações substanciais na Teologia da Libertação. Jarschel acredita que, ao partir do questionamento da sociedade dividida em classes, a Teologia da Libertação não

---

<sup>32</sup> BINGEMER. Op.cit., 199], pp.62-63.

<sup>33</sup> JARSCHER, Haidi. Transformar pedras em pão e rosas... o próprio das feministas. *Curso de Verão*, São Paulo, Paulinas, 1990, pp.46-56.

Catolicismo e protestantismo...

percebe que a opressão da mulher vai muito além do sistema capitalista de produção.

A "saída" da Teologia da Libertação é percebida por outra pastora protestante como uma questão geracional. Ela vê as novas gerações de teólogas se colocando fora do marco exclusivo da Teologia da Libertação, em função da incorporação, muito através do contato com movimentos e teorias feministas, de uma "nova compreensão sobre a mulher". Essa "nova compreensão", no caso das gerações que foram formadas pela Teologia da Libertação, provoca um certo "mal estar", tanto porque elas não querem "radicalizar uma oposição" a esta teologia, quanto porque, segundo a teóloga protestante entrevistada, as implicações ao fazer Teologia da Libertação e Teologia Feminista são bem diferentes:

Eu acho que falar da Teologia Feminista coloca muito mais a gente em cena do que a Teologia da Libertação. Eu acho que a Teologia da Libertação que era feita, que é feita pelos teólogos da classe média, você sempre está falando do outro. E a teologia feminista te faz falar de você. E eu acho que é muito mais difícil a gente falar da gente, a gente falar da mulher, a mulher sou eu. Eu falar da relação de poder homem-mulher, eu posso ter um discurso ótimo, mas eu vou estar falando da relação de poder na minha casa, na minha família. Eu acho que nos torna muito mais sujeito, mexe muito mais com a gente. Nos torna muito mais responsável, do que a Teologia da Libertação que é sempre uma fala para o outro, na medida em que é diferente pra quem vai o discurso.

Apesar de ser considerada mais "difícil" e ser colocada como uma alternativa à Teologia da Libertação, a Teologia Feminista continua tendo na primeira um marco importante e o principal interlocutor. Mesmo considerando as críticas de que ela ao privilegiar o "pobre" não incorpora a "relação homem-mulher", as teólogas tanto de "novas" e "velhas" gerações constroem sua reflexão muito a partir da contraposição com a Teologia da Libertação. Um ótimo exemplo disso é o texto de Nancy C. Pereira<sup>34</sup> uma teóloga metodista que pode ser considerada como "da última geração". Em parágrafos muito contundentes ela denuncia que os teólogos da Libertação não incorporam a produção teológica das mulheres ou, se o fazem, é como algo secundário ou mesmo um "desperdício". Fazendo alusão ao texto bíblico onde uma mulher derrama perfume em Jesus, ato considerado pelos apóstolos um desperdício, Pereira critica a hierarquização de "assuntos" estabelecida pelos teólogos homens, onde as propostas alternativas são desconsideradas, incluindo a Teologia Feminista:

O perfume era o sinal da cumplicidade entre Jesus e a mulher. Cúmplices de um messianismo que tem sua mediação no corpo perfumado e prazeroso. Ressurreição. As prioridades funcionais que orientam a análise e a reflexão dos discípulos não sabem o que é isso. Aprisionados na generalidade do discurso sobre o pobre, para o pobre, não podiam perceber no gesto da mulher o tanto de afirmação política e teológica. (...)

O gesto da mulher pode ser entendido como expressão de uma parte do movimento de Jesus que

---

<sup>34</sup> PEREIRA, Nancy C. Perfume derramado das feministas. Trabalho apresentado no VII Encontro do ministério pastoral feminino, 1994.

Catolicismo e protestantismo...

formulava o messianismo de modo distinto e específico daquele que comumente entendemos como "oficial" e que tem suas contradições apresentadas nos relatos da morte de Jesus. (...)

Nós também não fomos convidadas, nem éramos esperadas neste momento de páscoa; confronto no qual a Teologia da Libertação se fez e se vai fazendo. Prioridades elencadas, lutas fundamentais identificadas, preferências assumidas, agentes sociais privilegiados alimentam o esforço dos teólogos que se sentam na mesa do continente-leproso. E já é muito que estejam sentados nesta mesa.

Aí, entra a mulher e derrama o seu perfume.

"Despedício!" gritam os senhores teólogos ciosos de suas prioridades.

A "mediação é o pobre!" insistem entre irritados e indiferentes sugerindo que o que chamamos de teologia feminista poderia ser de alguma forma revertido na direção henneneuticamente e politicamente adequada. Tratam de fazer do cheiro que exalamos um tema a mais, entre outros que se subordinam e se ajustam aos parâmetros da mediação do pobre.<sup>35</sup>

Do ponto de vista das teólogas católicas, essa tensão com a Teologia da Libertação, que é criticada mas continua sendo o principal interlocutor, também é notada. Uma teóloga católica argumenta que o maior problema da Teologia da Libertação foi o fato de ter se "reduzido" apenas à "dimensão política", sem dar a devida atenção à "espiritualidade". O privilégio às lutas

---

<sup>35</sup> PEREIRA. Op.cit., 1994, pp.3-4

políticas fez com que o lado mais místico da teologia ficasse em segundo plano. Em oposição a esse "reducionismo", a teóloga aposta no "novo paradigma" proposto pelo Ecofeminismo, uma "visão integradora da realidade" que articula "todos os elementos da natureza", inclusive a "espiritualidade".

Já Ivone Gebara<sup>36</sup> leva as críticas à Teologia da Libertação, incluindo como foco também as mulheres, para uma outra dimensão. Para ela, a teologia produzida na América Latina que se pretende a "teologia dos pobres", a "voz" de quem não tem voz, porque está sucumbida pelas condições sócio-econômicas, cai no "pecado" de impor-lhes um discurso que não corresponde a sua realidade. Também em uma linha que critica a falta de espiritualidade ou "racionalização excessiva" em que a teologia pode cair, ela enxerga no próprio comportamento do "povo" as práticas "libertadoras". Isso é percebido no caso da oração:

A oração, como nós a entendemos comumente, não tem para os pobres muito conteúdo racional, embora tenha um lugar de importância na vida. A oração é um hábito, um mover de lábios, um recitar fórmulas que são perfeitamente compreensíveis por Deus, por Jesus, por Maria e pelos Santos. Não tem importância que quem reza não entenda. A oração é para Deus, para testemunhar-lhe afeição e confiança. Por isso, ainda, em diversos lugares do Nordeste brasileiro se rezam orações em latim quase incompreensível, ou "benditos" ensinados por antigos missionários ou compostos pelo próprio povo. Um "bendito" vem atrás do outro, uma oração

---

<sup>36</sup> GEBARA, Ivone. A dimensão feminina na luta dos pobres. *R.E.B.*, Petrópolis, Vozes, vol.45, fase. 178, 1985, pp.245-255

Catolicismo e protestantismo...

segue a outra, depois são cantos e lamentações cujo conteúdo parece nada ter a ver com a vida de todos os dias dessa gente simples. A lógica é diferente. A oração não se explica em forma de raciocínios logicamente concatenados em que cada palavra tem seu sentido. Há como que uma aproximação do mistério de Deus, de sua grandeza, de uma maneira que escapa aos letrados ou aos teólogos racionalistas(...)<sup>37</sup>

Não serão, portanto, os agentes de pastoral ou os teólogos os criadores da nova mentalidade e da nova linguagem popular. Ela nascerá do povo, através de uma fecundação lenta, através da "troca de saberes", através das pequenas conquistas na linha de uma transformação qualitativa da sociedade.<sup>38</sup>

É a partir dessas constatações que a teologia deve se fazer, e não "impor" ao "povo" as direções e expectativas de quem não pertence àquela realidade, embora possa até conviver cotidianamente com ela no trabalho pastoral:

É justamente essa movimentação dos pobres que vem modificar o discurso da teologia, que vem de certa forma julgar o trabalho teológico e instaurar a necessidade de conversão no coração daqueles que "teorizam" sobre a fé e sobre Deus. Sem desmerecer os inegáveis esforços e avanços da teologia elaborada entre nós, parece-nos que a questão teológica hoje não se situa em falar de forma libertadora da fé ou em formular discursos bem

---

<sup>37</sup> Id., ib., p.249.

<sup>38</sup> Id., ib., p.250.

regrados que a teologia propõe, antes de tudo, como uma prática política da fé. O grande desafio está em refletir de fato sobre o vivido tanto pelo teólogo quanto pelo povo, do contrário vamos criar de novo sistemas teológicos com linguagem hermética, acessível apenas aos 'iniciados'. Isto significa que corremos o gravíssimo risco de hoje, na América Latina, justapor uma teoria libertadora a uma prática que pode ser pouco transformadora e até em muitos casos justificadora da realidade dominante. Tal comportamento, concretamente observável, mascara a realidade de forma mais sutil do que os discursos ditos reacionários ou tradicionalistas.<sup>39</sup>

Cumpramos notar aqui, a partir dessas observações de Gebara, a visão que as teólogas, em especial as teólogas católicas do Rio de Janeiro têm da "mulher pobre". Assim como Gebara alerta para uma imposição de expectativas aos "pobres", podemos questionar o discurso que essas teólogas têm sobre as "mulheres pobres". Em geral, as mulheres de camadas populares são vistas como, apesar das dificuldades econômicas e de todas as formas de opressão a que são submetidas, aquelas que conseguem "ter esperança" de um futuro melhor, ou são aquelas que mesmo no "sofrimento", "lutam com alegria", sabem fazer a "festa". É essa "força" quase "sobrenatural" da "mulher pobre" que inspira essas teólogas. Muitas vezes as teólogas lhes atribuem "qualidades" que são mais uma projeção do que a constatação da realidade, das prioridades que as próprias mulheres colocam. E mais do que isto, e o que talvez seja ainda mais "perigoso", as "mulheres pobres" são aquelas que estão acostumadas ao "sofrimento", são "valorizadas" pelo seu

---

<sup>39</sup> Id., ib., pp.250-251.

sofrimento". A tônica é a valorização de quem tem que se portar como uma "heroína" para "sobreviver com alegria". A luta pela mudança das condições de opressão parece ficar em segundo plano. Assim como a Teologia da Libertação, a Teologia Feminista pretende ser a "porta voz" das "mulheres pobres", mas, em muitos casos, acaba impondo a essas mulheres um discurso que supervaloriza "qualidades" nem sempre confirmadas, "qualidades" que, além de tudo, reificam uma concepção tradicional da "condição feminina".

A conjunção entre Teologia da Libertação e Feminismo expressa uma crítica à Teologia da Libertação por não considerar a opressão feminina. Ao mesmo tempo, a Teologia da Libertação da Mulher reifica certas concepções "patriarcais" sobre o gênero feminino. A ambigüidade dessa relação é observada por Maria José R. Nunes.<sup>40</sup> Segundo ela, algumas mulheres teólogas, mesmo percebendo que a Teologia da Libertação coloca a luta de classes em nível muito superior da dominação de gêneros, optam pelo caminho da conciliação para não perderem o espaço já conquistado.

Do ponto de vista da Teologia da Libertação, segundo Nunes, a produção das teólogas é "dividida" entre aquelas que estariam dentro de um "bom feminismo", um feminismo capaz de ser absorvido pela Igreja, e as que se enquadrariam dentro de um "mau feminismo", um feminismo "radical" associado à Teologia Feminista Norte-Americana, que faz críticas à exclusão da mulher das instâncias de poder na Igreja e ao tratamento de temas como sexualidade e violência. O "bom feminismo" seria aquele que suportaria ser colocado como "um aspecto" dentro de lutas "mais gerais" que orientam a Teologia da Libertação. Os textos das teólogas que estão dentro dessa perspectiva são vistos pelos teólogos como uma produção "positiva". Mas, a autora

---

<sup>40</sup> NUNES, M. J. R. Op.cit., 1992.

alerta para o fato de que aquilo que os teólogos percebem como "positivo" no trabalho das mulheres é justamente o que é associado ao estereótipo tradicional da mulher. A teologia da mulher é vista como mais "próxima da vida", mais "poética" e "afetiva", em oposição ao discurso masculino "racional" e "abstrato".

Essas características "positivas" muitas vezes são incorporadas pelas teólogas como fundamentais dentro de sua produção. Mas muitas percebem essa ambigüidade e tentam assumir posturas mais "feministas". Tentam incluir em seus trabalhos as concepções teóricas das cientistas sociais feministas, principalmente o conceito de "relações de gênero", fazendo com que a aproximação com os feminismos presentes no campo atual se tome mais efetiva.

Um último ponto é que nos faz voltar a discussão inicial é a originalidade que a Teologia Feminista coloca em termos de lugar da mulher como ator político no projeto universalizante da Igreja e que tem referências na Teologia da Libertação. Esta última compactua em termos gerais com o projeto da Igreja, já que ao privilegiar a categoria do pobre tem também pretensões totalizantes. É certo que são consideradas e realçadas as diferenças de classe definidas em uma série de distinções sócio-econômicas. Mas, a noção de ser pobre é de tal modo englobante - já que em última análise todos são igualmente pobres diante de Deus, todos podem anunciar algum tipo de pobreza material ou espiritual e mais do que isso, a hierarquia social é apenas conjuntural diante da computação do espaço e tempo divinos - que acaba dando preeminência, enquanto valor, aos pressupostos de igualdade. Há uma possibilidade de transformação do mundo que se centra na extinção das diferenças sociais, no desaparecimento da oposição entre ricos e pobres já que todos tomar-se-ão iguais.

Catolicismo e protestantismo...

Em relação à Teologia Feminista é possível pensar em termos de novos elementos que estão sendo colocados. Ela se afirma como partindo da Teologia da Libertação e, nesse sentido, compactua da sua premissa pelos pobres. Mas dentro deste esquema reivindica um lugar especial para a mulher, afirmando que esta sim é a "pobre entre os pobres". Além de opressão econômica e social atualizada em diversas formas, a mulher historicamente é também oprimida por relações de gênero desigualitárias, expressas de maneira ímpar no acesso ao poder dentro da Igreja. Dessa forma, ao escolher um grupo social privilegiado, a Teologia Feminista opera um deslocamento de eixo quanto a um projeto universalista. As reivindicações passam por uma categoria - a mulher - que tem um substrato concreto muito mais irrefutável que a categoria mais genérica do pobre. Embora o discurso da Teologia Feminista seja pretensamente igualitário e universalizante, está centrado logicamente na oposição dual entre homem e mulher ou masculino e feminino. O que se coloca como uma questão original a partir daí, é como a Igreja vai articular respostas a esse tipo de demanda e a esse tipo de afirmação enraizada na diferença. Partindo do pressuposto que se ensaiam tentativas de dar conta dos novos atores que compõem o campo religioso atual, mas sempre com argumentos que tentam abarcar o outro a partir da redução a um sopoosto igual, como lidar com uma proposta que insiste nas marcas concretas e nas representações simbólicas da diferença?

Fabiola Rohden

## CATHOLICISM AND PROTESTANTISM

### **Abstract**

The article focuses on the emergence of feminist issues in the religious field. In the context of recent transformations, these issues are particularly expressed in the work of female Catholic and Protestant theologians influenced by "Liberation Theology" and preoccupied with challenging woman's space in Christian tradition and in the churches. These women's theological production points to the singularity of the relation among feminism and religion and to differences between strategies developed by Catholics and Protestants.